

PÔRTO, VISTO POR UM ITALIANO

O ESPECTÁCULO que apresenta a cidade vista da ponte ferroviária que atravessa o Douro, a 60 metros de altura sobre o nível do rio, é duma grandiosidade impressionante e duma beleza incomparável. A ponte de ferro, compõe-se dum único arco de 172 metros de comprimento e foi construída pelo célebre engenheiro Eiffel que devia legar o seu nome à famosa torre de Paris. É grandioso o panorama que se desfruta do alto desta ponte magnificante: o rio correndo num leito talhado a fundo entre margens de granito pardacento, inúmeros cais semeados ao longo das margens, coalhados de carros, de combóios fumegantes, de carregadores, de moços, de pescadores e de marinheiros; e sobre a água azul do rio, um formigueiro de navios, de lanchas, de veleiros, de vapores e de barcos carregados de pipas de vinho. Vibra nos ouvidos um sibilar contínuo de apitos, um bater de malhos, um ranger de cadeias, e um confuso vozear de homens, de mistura com o mugir dolente dos bois, condenados ao trabalho penoso de arrastar os pesadíssimos carros através das íngremes estradas que do pôrto se dirigem para a cidade alta.

E as casas da cidade, tôdas brancas, de tetos com terraços, acumulando-se umas sobre as outras, como nas paisagens dos quadros dos pintores primitivos, abrem ao sol as suas mil janelas, enquanto, por sobre o aglomerado densíssimo dos prédios, a Catedral perfila a sua torre e as suas negras muralhas, no azul incomparável do céu.

Tôda a cidade apresenta um aspecto de vida tão febril e tão intensa que nos faz esquecer por momentos de que estamos em Portugal, dando a impressão de nos encontrarmos antes em algum pôrto da Inglaterra ou da Escócia.

Pôrto é a cidade dos banqueiros: conhecêmo-lo

de improviso quando des-
cemos da magnífica Es-
tação Central que fica
mesmo no coração da
cidade. É na Praça da
Liberdade onde se vêem
grande número de casas
bancárias, em magníficos
edifícios, e, em seguida,
na Rua 31 de Janeiro e
Praça da Batalha, des-
lumbrantes ourivesarias e
joalherias que ostentam
nas suas vitrines uma
prodigiosa riqueza em
prata cinzelada e em fili-
grana de um gosto um
pouco provinciano, mas
absolutamente caracteris-
tico.

A rua dos Clérigos
tem, porém, um aspecto
diverso; enchem-na inu-
meras lojas de panos,
fazendas e retroses, a
cujas portas, semelhando
enormes borboletas sara-
pintadas, se vêem magní-
ficos chales vermelhos,
verdes, amarelos, roxos,
de longas franjas de sêda,
lenços para cabeça com
típicos desenhos árabes e
persas, bólsas de pano
vermelho guarnecidas
com grandes pontos de
lã amarela e verde e os
trajes característicos da
região do Minho, de uma
esplêndida côr de gerânio
que constituiriam um
autêntico tesouro para
um pintor italiano que
para cá viesse. É que
Portugal, com as suas esplêndidas paisagens e as
côres vivas e vistosas dos seus trajes populares,
é verdadeiramente o paraíso dos pintores.

Também aqui, como em Lisboa e em Coimbra,
não faltam magníficos jardins, rescendendo, na
sombra fresca dos plátanos e das palmeiras, um
perfume suavíssimo a gardênias.

É verde, com o seu copado arvoredado e exube-
rante vegetação, o Campo dos Mártires da Pátria,
verde também a praça que usa um nome querido
para todos os corações italianos: a praça de Carlos
Alberto, em memória do exilado de Novara que
veio para aqui buscar um asilo de paz para os
seus últimos dias de vida. Mas uma verdadeira
maravilha é o parque do Palácio de Cristal, onde,
ao fundo das alamedas de castanheiros, ou das
janelas talhadas nas sebes de carpa se apresenta
de súbito a visão azul do rio profundo e do
Oceano longínquo revolvendo, junto à foz do



(Cliché Brogi)

TURIM — Galeria Real — Retrato equestre do Rei Carlos Alberto — Pintado por Vernet

estuário, as suas ondas orladas de espuma al-
vissima.

Este espectáculo imponente fêz-me evocar uma
imagem de Carducci, maravilhosamente exacta,
a-pesar-de êle nunca ter estado no Pôrto:

Ô sola e cheta in mezzo dei castagni
villa del Douro,
che in faccia ha il grande Atlantico sonante,
a i lati ha il fiume fresco di camellie,
e albergó ne la indifferente calma
tanto dolore!

A exactidão perfeita dos versos do poeta
ressalta viva na memória de quem contemple
dêstes amplos terraços, entre colonatas de granito,
o panorama do rio e do mar. Mas os olhos
enchem-se, ao mesmo tempo, de lágrimas, pen-
sando no trágico destino do «Hamlet italiano».

Quem queira percorrer as etapas do doloroso
calvário de Novara ao Pôrto deve ler as páginas
dum pequeno livro de Luís Cibrário. Nos seus
«Ricordi di una missione italiana a Carlo Alberto



RETRATO DO REI CARLOS ALBERTO
(Reprodução de uma água-forte)

in Oporto», Cibrário descreve o itinerário do infeliz Soberano que nos campos fatais de Novara tinha perdido a corôa, e agora, com a morte no

coração, procurava um asilo onde esconder a sua dor. Vinte e cinco dias contínuos, de 24 de Março a 19 de Abril 1849, salvo breves paragens para pernoitar, durou a viagem, desastrosa sob todos os pontos de vista, seja pela incomodidade da sege baixa e estreita, em que a augusta pessoa do Rei tinha que se encolher penosamente, seja pelo estado péssimo das estradas e pelas frequentes intempéries.

Na manhã de 15 de Abril passando para o Minho, província que confina com a Espanha, Carlos Alberto tocava enfim a terra portuguesa. Entrando ao meio dia de 19 de Abril na cidade do Porto, albergou-se na pousada de António Bernardo Peixe, na Praça dos Ferradores, a qual hoje, em memória do Rei, se chama Praça de Carlos Alberto. É comovente ler com quantas demonstrações de afecto o infeliz soberano foi recebido pelos cidadãos portuenses. «A estrada apinhada de gente retardava o andamento da sege; era estranha a forma por que se manifestava a dedicação e o afecto do povo, ajoelhando-se reverentemente, e, de joelhos, beijando-lhe a fimbria das vestes e os freios dos cavalos.

«Concedida audiência às autoridades, o Rei tomou algum alimento metendo-se em seguida no leito, por já não ter forças para se sustentar de pé. Nove dias depois deixou a pousada por ficar em sítio muito central e muito movimentado, e retirou-se para uma casinha do bairro alto, ao lado do Palácio Real; mas sentindo-se mesmo aí incomodado, duas semanas depois alugou a vivenda



Cliché foto. de Américo T. Lopes

PÔRTO — Casa na Rua de Entre Quintas, onde habitou e faleceu o Rei Carlos Alberto



Cliché foto. de Américo T. Lopes

PÔRTO — Palácio de Cristal — Capela consagrada à memória do Rei Carlos Alberto, mandada edificar em 1854 pela Princesa Augusta de Montléart, da Sardenha

do sr. Ferreira Pinto sita no fundo de um jardim ameníssimo e com belas e amplas vistas para o rio e para o mar.»

A vivenda, onde o Rei expirou às 3 e meia p. m. de 28 de Julho, conserva ainda hoje o seu aspecto de outrora; uma pequena lápide afixada a uma parede da habitação onde se deu o infeliz trespasse, recorda aos visitantes o fim da longa agonia daquele que, um ano antes, na radiosa tarde da vitória de Goito, e da entrega da Peschiera, tinha tido a glória de se sentir aclamado o primeiro Rei de Itália.

* * *

Conta-se que o Rei, para testemunhar a sua gratidão aos amoráveis e hospitaleiros habitantes do Pôrto, lhes concedera, pouco antes de morrer, o direito de cidadãos piemonteses. Faltam documentos oficiais de uma tal concessão soberana, mas a tradição dêste privilégio mantém-se inalteravelmente viva, em todos os habitantes, como é viva ainda hoje a memória do infeliz Monarca.

Pôrto cantou pela voz dos seus poetas esta nobre figura de rei-soldado.

No próprio ano da morte de Carlos Alberto apareceu uma linda poesia de José da Silva

Mendes Leal, intitulada *Ave Caesar*, em que saúda o rei mártir, o soldado de Novara, que, transformando em bordão de peregrino a espada leal, veio morrer ao Pôrto, o ninho da liberdade portuguesa.

Ei-lo, o teu defensor, ó liberdade;
Ei-lo no extremo leito! Á humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada à lâmina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lha ovante as margens do destino,
Foi-lhe rota o bordão de peregrino
Essa espada leal!

Hoje é cruz! Do aço puro a cruz só resta.
Sentinela da campa, ao mundo atesta
Que o herói era mortal!

.....

Ó soldado de Novara
Morre contente afinal,
Morre ao eco das batalhas
Neste berço de muralhas
Que fez livre Portugal!

Mais tarde um outro vate portuense, Soares de Passos, um dos maiores poetas românticos do século passado, saúdamo o heroísmo indómito dos seus concidadãos que desfraldaram a bandeira da Liberdade, no meio dos sombrios horrores

duma repressão sanguinária, reevoca a sombra magnânima de Carlos Alberto.

...o herói de Novara
Que a pátria n'alma abrigava,
Hoje busca e não depara
Um abrigo à sua dor.

Vem altivo e nobre cedro
Derribado sôbre o chão
Junto ao coração de Pedro
Asilar teu coração.

Antônio Xavier Cordeiro na sua poesia *O anno de 1849* escreve:

Viste em campos de Novara
qual estrêla de Waterloo
caír a causa tão cara
d'um povo, e não te importou,
viste Veneza lutando,
a Sicília batalhando,
foste surdo ao seu pedir;
tu viste na Itália inteira
erguer a santa bandeira,
e após viste-a sucumbir!

Ramos Coelho na sua poesia *Carlos-Alberto em Campidolio* faz falar o infeliz Monarca desta guisa:

«Itália, Portugal são minha pátria
uma e outro: escutou-me alegre aquela
apenas vim à luz; êste escutou-me
compassivo, ao morrer, o extremo alento.
Que amizade, que ardor, que entusiasmo
não achei neste povo, cujos feitos
lançam tanto fulgor no sol da história,

quando o fui procurar, quebrado e triste,
após o dia da infeliz Novara!
Qual a seu conterrâneo me acolheram,
cingiram-me de affecto e de carinhos,
quinhoaram com ânimo brioso
a minha acerba dor; e quando a morte
d'entre êles me roubou, com pranto e luto
inda a memória unânimes honraram.
... O Pôrto, inclita origem
do nome português, valente berço
da santa liberdade lusitana,
foi a ti que eu busquei entre as cidades
do mundo para escudo contra os raios
de fortuna cruel, a ti, de há muito
costumado a tomares o partido
dos fracos, e que dentro de teus muros
Dom Pedro defendeste e os seus heróicos
contra a hoste infinita dos tiranos!»

Hoje os despojos mortais do Rei Carlos Alberto repousam no Panteon real de Superga, sobranceiro a Turim, e o anelo ardente do seu coração magnânimo cumpriu-se à risca: a Itália está toda congregada numa só grande nação sôb o sctro da Casa Real de Saboia, exemplo de tôdas as virtudes na vida doméstica, de intrépida firmeza nos campos de batalha.

Um provérbio português resa que «não será esquecido quem se não esquecer». ¿Como podemos nós, os italianos, esquecer-te jamais ó bela, ó generosa, ó activa cidade do Pôrto, que compartilhaste connosco as lágrimas da nossa dor e a ânsia das nossas esperanças?

(Trad. de A. Barreto).

GUIDO BATTELLI.



Cliché da foto. Beleza

PÔRTO — PRAÇA DE CARLOS ALBERTO